

NOTA BREVE SOBRE A CURA CÓSMICA

António José Gonçalves de Freitas

CEHUM da Universidade do Minho

INTRODUÇÃO

UM DOS MITOS HITITAS MAIS RELEVANTES é o mito do deus desaparecido. O mito do deus desaparecido está associado a um desequilíbrio no cosmos causado por um deus que desaparece, de tal modo que nem os outros deuses sabem onde encontrá-lo. Escolhemos o texto que corresponde ao desaparecimento do deus Telepinu, por ser um dos textos com menos problemas de edição. As versões escritas deste mito ocorrem entre os séculos XV e XIII a.C.. Após termos esclarecidos de que o deus Telepinu saltou da cama muito zangado, vestindo cada sapato no pé errado, decide esconder-se num pântano, onde ninguém o encontra, tendo decidido usar uma cânula para poder respirar. Telepinu deita-se no pântano e jaz nele deixando crescer o musgo e outras ervas em cima dele, de forma a ficar escondido dos outros deuses e evitar ser encontrado.

O TEXTO *CTH 324*⁽¹⁾

No entanto, a nível cósmico começam a acontecer coisas, das quais lemos em *CTH 324*:

(1) O texto que transcrevemos corresponde às linhas 5 a 20 da frente da tabuinha KUB (*Keilschriftkunden aus Boghazköi*) XVII 10. A transcrição segue as convenções gerais para os textos hititas, os vocábulos em acádico transcrevem-se em maiúscula cursiva, os sumérios em maiúscula recta e os hititas em minúsculas rectas. Seguimos a norma inglesa de transcrever a semi-vogal /u/ por 'w' e a semi-vogal /i/ por 'y'.

- 1. ^{GIŠ}lu-ut-ta-a-uš kam-ma-ra-a-aš *IŠ-BAT*
- fumo janelas tomou
- 2. É-er tuh-hu-iš *IŠ-BAT*
- casa nevoeiro tomou
- 3. *I-NA* GUNNI-ma kal-mi-i-ša-ni-iš ú-i-šu-u-ri-ya-an-ta-ti
- em e no coração os relâmpagos sufocaram

Mas os males não acabam aqui; de facto, outras coisas bizarras começam a acontecer: os deuses e os animais começam a sufocar, não podem respirar porque o ar se transformou em fumo.

- 4. iš-ta-na-na-aš an-da DINGIR^{MEŠ} ú-i-šu-u-ri-ya-an-ta-ti
- no altar os deuses sufocaram
- 5. *I-NA* TÙR an-da UDU^{HLA} KI.MIN
- em redil as ovelhas sufocaram
- 6. *I-NA* É.GU₄ an-da-an GU₄^{HLA} ú-i-šu-u-ri-ya-an-ta-ti
- em curral das vacas sufocaram.

O cosmos não pode respirar, mas os sintomas não param por aqui. As leis mais básicas da ordem natural começam a ser afectadas. Surge a rejeição contranatural das crias pelas mães, tanto no caso dos animais como no caso dos seres humanos.

- 7. UDU-uš-za SILA₄-ZU mi-im-ma-aš
- a ovelha seu cordeiro rejeitou
- 8. GU₄-ma AMAR-ŠU mi-im-ma-aš
- e a vaca seu bezerro rejeitou

Ainda para continuar a lista, a fertilidade (como atributo divino) é retirada, razão pela qual a cevada não cresce nem se mostra frondosa, e o trigo não consegue amadurecer.

- 9. ^DTe-le-pe-nu-ša ar-ha i-ya-an-ni-iš
- mas Telepinu longe (fora) foi (marchou, saltou)
- 10. hal-ki-in ^DIm-mar-ni-in ša-al-hi-an-ti-en ma-an-ni-ti-ti-en
- iš-pi-ya-tar-ra pe-e-da-aš
- à cevada fertilidade (deificada) crescimento exuberância
- e abundância tirou

- 11. gi-im-ri ú-e-el-lu-i mar-mar-aš an-da-an ^DTe-le-pe-nu-ša pa-it
- à estepe ao prado ao pântano mas Telepinu foi
- 12. mar-mar-ri an-da-an ú-li-iš-ta
- no pântano escondeu-se
- 13. se-e-ra-aš-še-iš-ša-an ha-le-en-zu hu-wa-i-iš
- mas sobre ele a planta halenzu cresceu
- 14. nu nam-ma hal-ki-iš ZÍZ-tar Ú-UL ma-a-i
- e portanto cevada e trigo não amadureceu (prosperou)

A tudo isto junta-se a incapacidade de parir, tanto nos seres humanos como nos animais.

- 15. nu-za nam-ma GU₄^{HIA} UDU^{HIA} DUMU.LÚ.U₁₉.LUMÉŠ Ú-UL
- ar-ma-ah-ha-an-zi ar-ma-u-wa-an-te-ša ku-i-eš nu-za a-pi-ya
- e ainda mais as vacas as ovelhas e humanos não grávidos mas aqueles grávidos que⁽²⁾ então
- 16. Ú-UL ha-aš-ša-an-zi
- não pariram⁽³⁾

As montanhas secaram; portanto, não há água que as reguem, e por essa razão a floresta também secou, as novas folhas não conseguem aparecer e a terra num todo foi coberta pela fome. Começam a morrer de fome os homens, e os deuses não conseguem saciar a sua fome nem a sua sede.

- 17. HUR.SAG-aš-aš^{HIA} ha-a-te-er
- as montanhas secaram
- 18. GIS^{HIA}-ru ha-a-az-ta
- a floresta secou
- 19. na-aš-ta par-aš-du-uš Ú-UL ú-e-ez-zi
- e folhagem não veio (ao de cima)
- 20. ú-e-ša-eš ha-a-te-er
- os prados secaram
- 21. PU^{HIA} ha-a-az-ta
- as fontes secaram
- 22. nu KUR-ya an-da-an ka-a-aš-za ki-i-ša-ti

(2) Partícula mais reflexivo

(3) Com reflexivo.

- e na terra em direcção à fome deveio
- 23. DUMU.LÚ.U₁₉.LU^{MEŠ} DINGIR^{MEŠ}-ša ki-iš-ta-an-ti-it har-ki-ya-an-zi
- os humanos e os deuses, mais ainda de fome morrem
- 24. GAL-iš-za ^DUTU-uš EZEN₄-an i-e-et
- o Grande deus-sol festival preparou
- 25. nu-za 1 *LI-IM* DINGIR^{MEŠ}-ša hal-za-i-iš
- e 1 mil deuses convidou
- 26. e-te-er ne Ú-UL iš-pi-i-e-er
- comeram eles mas não saciaram
- 27. e-ku-i-e-er-ma ne-za Ú-UL ha-aš-ši-ik-ke-er
- beberam e eles não satisfizeram a sua sede.

ANÁLISE

O cosmos está doente. Os sintomas dessa doença são: o interesse materno em proteger a sua cria transforma-se em rejeição; os alimentos não satisfazem; as bebidas não acalmam a sede; o relâmpago perde a sua faísca (i. e., deixa de ser); a fertilidade (deificada) abandona os campos; e os homens morrem, mas não nascem.

Perante tamanha calamidade, os deuses decidem intervir e descobrir o que está a acontecer, querem determinar qual é a causa desta doença tão profunda que o cosmos está a sofrer. Para tal, o deus do sol organiza um festival e reúne o concílio dos mil deuses. E descobrem que o deus Telepinu tinha acordado zangado e desapareceu escondendo-se. O facto de não estar presente no concílio seria prova deste desaparecimento. A causa está apurada. Agora, é necessário corrigir a situação, da forma habitual, realizando um festival. Contudo, esta estratégia não dará o resultado esperado. O festival tem um sentido de sacrifício, que não resulta, porque o próprio Telepinu não estava presente. Noutras palavras, o sacrifício feito teria sido organizado como uma forma de oferta a Telepinu, da qual ele não teve conhecimento. A seguir é consultada a deusa Kumratepa que é uma deusa da magia e da feitiçaria, uma das deusas-mãe. Mas, após a realização de certos rituais, nem o deus aparece, nem o cosmos volta ao normal. Por conseguinte, como última opção, os deuses invocam Hanna-hanna, que é a deusa primigénia, é uma deusa-mãe, cujo nome reduplicado indica a sua longevidade; poderíamos falar da deusa-avó, é a primeira deusa-mãe. Na prática religiosa hitita os deuses primigénios são invocados como último recurso para resolver uma situação, e não são objecto

de culto, em geral. Hanna-hanna ouve, escuta e reponde aos deuses, enviando uma abelha. Esta abelha encontra Telepinu escondido no pântano a respirar por uma cânula. Seguindo as instruções de Hanna-hanna, a abelha crava o seu ferrão, fazendo com que o deus salte para fora do pântano, regressando. Desta forma, o cosmos fica curado.

CONCLUSÕES

Este texto, complexo e de muitas interpretações, é fundamental para compreender a situação cósmica da doença e o pensamento hitita em relação a esta. Para os hititas, qualquer doença ou praga é produto de alguma distorção cósmica associada a um deus desagradado ou zangado por uma determinada acção. Se o rei comete um pecado, a doença é generalizada a todo o reino. O comportamento e a moralidade das acções dos reis e da família real é fundamental para o bom ordenamento do cosmos. Lembremos que o rei hitita é o representante do deus da tormenta Tešub, a quem tudo e todos pertencem. O rei é sumo- sacerdote, pontífice e o líder máximo do exército. Como pontífice, é senhor do reino. As terras pertencem a Tešub, mas são administradas pelo rei. Assim, uma ofensa feita pelo rei à rainha ou outro membro da família real é uma ofensa da máxima gravidade que pode trazer um praga capaz de dizimar o reino. Se um súbdito comete um pecado (uma acção que não agrada a um deus ou que está contra as leis divinamente estabelecidas), a doença pode afectá-lo só a ele ou a ela, mas, dependendo da gravidade do pecado, pode afectar sua casa, parte do reino ou o reino na sua totalidade. A cura requer que um deus, o ofendido, seja aplacado e, para tal, há festivais específicos que são diferentes daqueles que se realizam ciclicamente, como o festival de *Purulli*. Existem também orações, feitiços e exorcismos para curar as doenças. Mas, em qualquer caso, a doença é considerada como um desequilíbrio cósmico que tem de ser eliminado.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

Keilschrifturkunden aus Boghazköi XVII, Berlin, 1921 ss.

Fontes Secundárias

- BECKMAN, Gary M. (1989). "The Religion of the Hittites", in *The Biblical Archaeologist*, 52: 2-3, pp. 89-108.
- BRYCE, Trevor (2005). *The Kingdom of the Hittites*. New York: Oxford University Press.
- BRYCE, Trevor (2002). *Life and Society in the Hittite World*. New York: Oxford University Press.
- COLLINS, John J.; e Michael Fishbane, eds. (1995). *Death, Ecstasy, and Other Wordly Journeys*. Albany NY: State University of New York Press.
- DELLA CASA, Romina (2010). "A Theoretical Perspective of the Telepinu Myth: Archetypes and Initiation in Historical Contexts", *Antiguo Oriente: Cuadernos del Centro de Estudios de Historia del Antiguo Oriente*, 8, pp. 97-116.
- ELIADE, Mircea (1965). *Rites and Symbols of Initiation*. New York: Harper and Row.
- GARCÍA TRABAZO, José Virgilio (1998). "La ideología del ritual purificadorio a la luz de textos hititas e indios", *Revista de Ciencias de las Religiones*, 3, pp. 63-75.
- GARCÍA TRABAZO, José Virgilio (2002). *Textos religiosos hititas. Mitos, plegarias y rituales*. Madrid: Trotta.
- GOETZE, Albrecht (1952). "Thespis. Ritual, Myth and Drama in the Ancient Near East by Theodor H. Gaster", *Journal of Cuneiform Studies*, 6: 2, pp. 99-103.
- GONNET, H. (2001). "Analyse etiologique du mythe de Telebinu, dieu fondateur hittite", *Anatolica*, 27, pp. 145-157.
- HOFFNER, Harry A., Jr. (1998). *Hittite Myths, Writings from the Ancient World*, vol. 2. Atlanta GA: Scholars Press.
- HUTTER, Manfred (1997). "Religion in Hittite Anatolia. Some Comments on 'Volkert Haas, Geschichte der hethitischen Religion'", *Numen*, 44: 1, pp. 74-90.
- KELLERMAN, Galina (1986). "The Telepinu Myth Reconsidered", in Harry A. Hoffner, Jr., e Gary M. Beckman, eds., *Kanissuwar: A tribute to Hans G. Güterbock on his seventy-fifth birthday*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, pp. 115-125.
- KELLERMAN, Galina (1987). "La déesse Hanna-hanna: son image et sa place dans les mythes anatoliens", *Hethitica*, 7, pp. 109-147.
- KLINGER, J. (1996). *Untersuchungen zur Rekonstruktion der hattischen Kultschicht*. Studien zu den Bogazkoy Texten, StBot 37. Harrassowitz Verlag
- MILLER, J. L. (2004). *Studies in the Origins, Development and Interpretation of Kizzuwatna Rituals*. Studien zu den Bogazkoy Texten, StBot 46. Harrassowitz Verlag.
- PECCHIOLI DADDI (Franca); e ANNA MARIA POLVANI (1990). *La mitologia ittita*. Brescia: Paideia.